O sr. Alfredo Pimenta

dirige-se à «Seara Nova», e a «Seara Nova» faz-lhe algumas leves considerações

Ex.mos Senhores:

Em vez de me dirigir especialmente a um dos três Directores da *Seara Nova* com quem mantenho relações pessoais, prefiro enviar esta carta a V. Ex.as indistintamente, fiado na lealdade de V. Ex.as, tanto mais que na carta que incluo, se não há o brilhantismo habitual dos artigos da *Seara Nova*, há, sem dúvida alguma, uma correcção que em nada é inferior à correcção dos seus colaboradores.

Dirijo-me, pois, a V. Ex.as pedindo-lhes o favor de darem publicidade, no próximo numero da *Seara Nova*, à carta que dirijo ao sr. David Ferreira, em resposta a uma referência que êsse colaborador de V. Ex.as faz ao meu nome no n.º 10 da sua revista.

Agradecendo desde já, reconhecidamente, o favor que lhes peço, sou

De V. Ex.as, etc.

ALFREDO PIMENTA.

CARTA AO SENHOR DAVID FERREIRA

Ex.mo Sr.: — Foram os artigos do sr. Aquilino Ribeiro consagrados ao *Regicídio* que me fizeram leitor assíduo da *Seara Nova*, não por menos consideração pelos outros colaboradores desta Revista, mas porque sendo o seu programa muito diferente do que norteia a minha inteligência, entendi que não era a mim que ela se dirigia. Mas os artigos do sr. Aquilino Ribeiro despertaram a minha curiosidade, e habituei-me a lêr a *Seara Nova*.

Encontrei, por isso, hoje, no seu n.º 10, o artigo de V. Ex.a onde há esta frase que reproduzo na íntegra: «... *e ainda perante aquelas verdades estupendas que o sr. Alfredo Pimenta anda agora a dizer, desdizendo aquelas outras que em tempos disse...*»

V. Ex.a, nestas palavras, não me agride, não me difama, não me insulta, não me injuria, não me amesquinha. Nem me chama renegado, nem me chama vendido. Não diz que satisfiz ambições tolas, interesses inconfessáveis, conveniências materiais e mesquinhas. V. Ex.a é correcto. V. Ex.a parece-me bem intencionado. Aos que me agridem com mais ou menos garotices, tenho eu por hábito responder ou com um desdem que nada altera, ou com o chicote em que transformo a minha pena. Aos que me fazem observações correctas, aquelas observações a que a minha vida tem direito, a êsses respondo eu dando explicações e esclarecimentos que os elucidem e lhes não permitam formular juizos errados sôbre as transformações honestas de uma inteligência que nunca se submeteu aos aplausos, que nunca transigiu perante as coacções.

V. Ex.a, pelo tom das suas palavras, merece que o meu espírito converse com o seu, amenamente, francamente, delicadamente.

Antes de mais nada: V. Ex.a leu a minha obra, como deve lê-la quem a discute? Isto é, V. Ex.a desviou do seu juizo as *palavras*, para só ter presentes as *ideas*? V. Ex.a antepôs às *expressões* a *doutrina* que sob elas se encerra? V. Ex.a não me leu com aquela leviandade, aquela superficialidade, aquela ligeireza que caracterizam o jornalismo nosso contemporáneo?

Póde ser que não. E eu não lho levo a mal. V. Ex.a é um rapaz — e quando se é rapaz, mais nos seduzem as aparências do que as realidades, mais nos prendem as palavras do que as doutrinas.

Se, um dia, a minha obra de filosofia política merecer o estudo crítico de alguem a quem as paixões não ceguem, o partidarismo não perturbe, a inveja não adultere, e a má-vontade não embarace ou não inspire, vêr-se há que a bem pouco se reduz isso a que para aí chamam as minhas contradições, e que bem poucas são as verdades que lá disse e hoje não digo, do que eu hoje digo e não disse então.

Deve ser-lhe insuspeita a opinião de um escritor português, cujas doutrinas são muito afins das doutrinas da *Seara Nova:* o sr. Campos Lima. O sr. Campos Lima lidou muito comigo, em Coimbra, no tempo do meu revolucionarismo. Ele está aí, felizmente, vivo, e póde depôr. Em plena fase do meu revolucionarismo, êle definia-me assim: no fundo, monárquico. O meu monarquismo não o surpreendeu. Sempre para êle caminhei atravez dos desvairamentos libertários dos vinte anos, e das ilusões republicanas *(pas démocratiques!)* dos vinte e cinco. Porque, antes de mais nada, eu não defendo, hoje, a Monarquia que combati ontem. A Monarquia que combati ontem, combato-a hoje, porque não defendo a Monarquia que estava em 1910, nem quero que se restabeleça a Monarquia que em 1910 estava. Muito embora pense que

Slhi

a Monarquia de 1910 era superior à República de 1910-1922, no que sou acompanhado por muitos e muitos inabaláveis republicanos, embora eu pense isso, não é a Monarquia que combati que quero vêr instaurada no meu País. Quero outra muito diferente, outra que tenha aprendido com as lições de experiência que o século XIX e êstes últimos anos do século XX lhe fornecem.

A obra de um homem não se julga pelos seus detalhes e pelas suas modalidades secundárias: aprecia-se pela base doutrinária que a inspira, e pelas intenções gerais que a determinam.

O que estava dentro do meu Anarquismo encontra-se dentro do meu Republicanismo e mantém-se dentro do meu Monarquismo,—àparte, evidentemente, certas particularidades, certos aspectos secundários. Anti-democrata, no Anarquismo, anti-democrata, na República, anti-democrata, na Monarquia. Partidário das Aristocracias, das *élites*,—no Anarquismo, na República, na Monarquia. Cultivando os super-homens,—no Anarquismo, na República, na Monarquia. No Anarquismo, o meu Filósofo foi Stirner. Na República, o meu Filósofo foi Comte. Augusto Comte é o meu Filósofo, na Monarquia.

E muito mal conhece os filósofos quem supuser contraditório o Individualismo stirneriano e a Filosofia Social de Comte.

Para passar de Stirner a Comte, não precisei de me negar. Para, baseado em Comte, concluir pela Monarquia, não precisei de me desdizer. Bastou-me, para um e outro passo, *evoluir* dentro do espírito filosófico que se criou na minha inteligência.

Há um problema, um só, em que eu sou hoje o contrário do que fui: o problema religioso. Regressei às minhas crenças, regressei à Igreja Católica em que os meus pais me educaram, em que todos os meus avós viveram. Mas êsse acontecimento pertence ao fôro delicado da minha consciência, e ninguém tem nada que vêr com êle.

Mas no campo propriamente da minha inteligência, hoje eu não difiro muito do que fui ontem, e não ando hoje a desdizer verdades que disse ontem. Sôbre determinados factos, sôbre determinados homens, posso ter hoje realmente opiniões que não tinha ontem. E efectivamente as tenho. Só resta saber quem na verdade mudou: se o aspecto por que se encaravam os factos, se os homens julgados — se eu.

Não me parece que seja de louvar a persistência no êrro. Sempre a Sciência me ensinou a fragilidade das verdades, ou seja a falibilidade dos juizos. Digno de crítica me consideraria eu, se, convencido de um êrro, persistisse em o impôr ou em o afirmar como uma verdade. E bem ridículo seria eu se me julgasse infalível nos meus juizos — principalmente nos juizos formulados antes de a experiência me corrigir, me esclarecer, desbastando as arestas do meu pensamento.

Não é porque um homem muda que devemos atirar-lhe pedras. Antes de o apedrejarmos, devemos preguntar-lhe: — porque mudou? Se foi sincero, respeitemo-lo, e procuremos aproveitar no ensinamento que a sua transformação nos dá, para que nós mesmos não teimemos no caminho errado.

Ponho a análise da minha vida à disposição de V. Ex.ª Se encontrar, como determinante da evolução do meu espírito, outros motivos que não sejam a crítica que sôbre o meu pensamento eu proprio faço, — atire-me V. Ex.ª as pedras que quiser, que eu, pedindo perdão aos homens do crime que pratiquei, quebrarei de uma vez para sempre esta pena com que escrevo, e que é o único recurso (bem magro, bem estéril, por sinal) de toda a minha vida.

Mas como a minha consciência está tranqüila, porque atravez da vida jamais tive um minuto em que reparasse nos meus interesses materiais, nas minhas conveniências e nos meus desofôgos — digo bem alto o que penso, e não é o coaxar das rãs nem a algaravia dos medíocres, que me faz calar ou me mete medo.

Mas no meio disto tudo há uma coisa que me surpreende: é a fúria com que investem comigo certas criaturas republicanas, a pretexto do que chamam o meu saltimbanquismo e que V. Ex.ª muito correctamente designa por *desdizer verdades que em tempos disse*.

Porque só para mim, a fúria? Porque só para mim, o ódio? Porque só para mim, a pedrada?

Teem V. Ex.ªs aí no campo republicano, dezenas, centenas de grandes figuras que fôram monárquicas, muitas delas monárquicas até 5 de Outubro. Dessas figuras, teem V. Ex.ªs feito deputados, senadores, altos funcionários, ministros, diplomatas, sei lá!

Todas elas são, para V. Ex.ªs, inteligências lúcidas, caracteres nobres, almas límpidas, sentimentos imaculados, espíritos cultos e sãos.

E eu — pobre de mim!, que não sou mais do que um simples escritor que busca, nas meditações da sua inteligência, o caminho das verdades lícitas aos homens, e nas exteriorizações da sua sensibilidade dar aos homens parcelas de Beleza, relâmpagos de Beleza, tufões de Beleza, — eu, pobre de mim!, sou ferinamente atacado, e não me respeitam nem a sinceridade da inteligência, nem a inquebrantabilidade do carácter, nem as atitudes da sensibilidade!

Pelo visto, só é bom o que vem para nós... Mas isso, meu caro senhor, é a doutrina dos pobres de espírito, das toupeiras do espírito.

Guerra Junqueiro foi monárquico. Bernardino Machado foi monárquico e anarquista. António José de Almeida foi anarquista. Jaime Cortesão e Leonardo Coimbra fôram anarquistas. Raúl Brandão foi monárquico. Augusto José da Cunha e Braamcamp Freire foram monárquicos. Pedro Martins foi monárquico. Barbosa de Magalhães foi monárquico. Brito Camacho foi anarquista. Melo Barreto foi monárquico. João de Barros foi anarquista. *Et j'en passe...*

Interminável seria a lista dos qne hoje são republicanos, tendo sido ontem anarquistas ou monárquicos.

E — o sol quando nasce é para todos, sr. David Ferreira!, — ou S. Ex.ª nos mete a todos, a mim e a *êles*, no mesmo inferno, a sofrer a mesma pena, ou, pelo menos, me deixa em paz, ou, a apreciar-me, me aprecia como deve ser, respeitando a liberdade do meu pensamento, e prestando homenagem à sinceridade da minha acção. V. Ex.ª é novo, tem o seu sangue quente, e a sua impetuosidade viva. Eu já vou a entrar naquela fase da vida em que se contam as horas que temos para viver, quando deixamos de contemplar as horas que vivemos já. Começo a sentir uma enternecida piedade pelas injustiças alheias, quando não as inspira a maldade e a baixeza de carácter. V. Ex.ª parece-me sincero, bem intencionado. Por isso lhe respondi nesta carta em que não há uma palavra que o magôe nem um propósito que o fira.

De V. Ex.ª

ALFREDO PIMENTA

Não éramos obrigados, por nenhum dever de lealdade ou correcção, como supõe o sr. Alfredo Pimenta, a dar publicidade ao artigo com que S. Ex.ª entendeu dever mimosear os leitores da *Seara Nova*. E isto por várias considerações. Em primeiro lugar, S. Ex.ª ocupa num dos jornais de Lisboa uma situação de destaque, que lhe permite responder

livremente a todas as acusações que se lhe façam na imprensa. Em segundo lugar, não havia nas palavras do sr. David Ferreira, como o próprio sr. Pimenta é obrigado a reconhecer, o mais leve intuito de o desconsiderar ou difamar, que justificasse, sequer de longe, o apêlo que S. Ex.ª faz à nossa lealdade. Em terceiro lugar, mesmo na circunstância de o sr. Pimenta ter recebido qualquer agravo da parte do nosso colaborador, era das boas normas que aquele senhor limitasse a sua defesa a um documento preciso e pouco extenso: a *Seara Nova* tem por hábito inserir apenas a colaboração que solicita, e não é obrigada (quando só à sua correcção e lealdade fazem apêlo) a publicar os artigos dos seus adversários políticos. Por último, S. Ex.ª tem mantido ante outras referências que aqui lhe teem sido feitas o mais invariável silêncio, e isto só pode explicar-se por um dos dois motivos adiante apontados, visto que S. Ex.ª se confessa tão assíduo leitor da *Seara Nova* que de nenhum modo é crível lhe tivessem escapado todas essas alusões. E vem a ser, ou que o sr. Pimenta nutre, por aqueles dentre nós que se lhe teem referido, êsse olímpico «desdem que nada altera», ou que lhe não apraz transformar a sua pena em chicote ante as críticas de criaturas um pouco mais velhas e experimentadas que o sr. David Ferreira. E qualquer dos motivos seria bastante forte para negar-lhe acolhida nas nossas colunas. Não, S. Ex.ª quando invoca a nossa lealdade, sabe perfeitamente que não chama às coisas pelos seus nomes: no que S. Ex.ª confia é no nosso excessivo cavalheirismo, ua nossa inexcedível generosidade, no «ponto de honra» verdadeiramente republicano que fazemos em dar inteira guarida às razões dos adversários. Êle sabe bem que não somos dos que temem essas razões. E não é depreciativo para a sua inteligência o facto de se verificar que não confiou em vão.

Quanto ao assunto em causa, não é bem a mutação das convicções políticas do sr. Alfredo Pimenta que nele tem a censurar a pessoa que escreve estas ligeiras considerações. Diz um aforismo que só os tôlos não mudam de opinião; S. Ex.ª tem dêsse modo uma óptima maneira de provar que não é tôlo. Simplesmente nos irrita a falta de sinceridade com que afirma que as suas ideas estruturais ficaram essencialmente as mesmas no decurso das suas sucessivas encarnações; assim como nos irritou, e profundamente, a insinceridade da sua atitude nos últimos tempos do seu republicanismo, uma das mais monstruosamente falsas e das mais atentatórias da claridade de consciência que se pode imaginar.

«O que estava dentro do meu Anarquismo—escreve — encontra-se dentro do meu Republicanismo e mantém-se dentro do meu Monarquismo,— aparte, evidentemente, certas particularidades e aspectos secundários». Só particularidades e aspectos secundários separam, pois, a Anarquia da República, a Anarquia da Monarquia e a Monarquia da República. No mais, S. Ex.ª não mudou: em Anarquia, em República, em Monarquia, S. Ex.ª elevou sempre altares aos super-homens; foi sempre partidário das *élites*; apreciou sempre Wilde, a música de Wagner e a aurora dos dedos róseos; suspirou sempre junto ao regaço das condessas; e trouxe sempre ao peito, em Anarquia, em República, em Monarquia, não qualquer cravo banal (como nos fez a ofensa de supôr certo garoto num periódico) mas as mais raras e fenomenais orquídeas, a verdadeira *Lelia tenebrosa*. E é isto o fundamental. O mais, tudo que fez com que S. Ex.ª num dia se dissesse anarquista, no outro republicano, no outro monárquico, simples particularidades e aspectos secundários: no fundo, três maneiras diferentes de exprimir a mesma coisa. Simplesmente não resistimos à tentação de formular esta humilde pregunta: se tudo isso é tão secundário, para que se ufana hoje tanto S. Ex.ª em defender essa coisa tão infinitamente secundária, a Monarquia, e se empenha tão galhardamente em deitar abaixo essa outra coisa tão infinitamente secundária, a República? E tendo reconhecido o pretor como essas coisas são tão irremissivelmente secundárias, para que insistiria êle em lhes fazer uma parte na sua vida, e não diria simplesmente: O que eu sou, absolutamente, estruturalmente, carnalmente é irmão gêmeo de Oscar Wilde?! Infelizes das religiões cujos convertidos mostram assim tanta fidelidade pelo seu herético passado!

E ainda há outra coisa que não percebemos, embora estejamos dispostos a conceder que seja o caso devido a conhecermos muito mal os filósofos. E' que para «passar de Stirner a Comte» não haja um homem que se negar, e fazer um verdadeiro *looping-the-loop* nas convicções. Stirner, se o sr. Pimenta o permite, era o filósofo individualista por excelência; Comte o mais «sociócrata» dos filósofos. Para o segundo a sociedade é a única realidade positiva, o indivíduo uma mera abstracção; para o primeiro todas as entidades «escolásticas» de humanidade, pátria, etc. são abstracções, e o indivíduo a realidade única. Um vê no indivíduo só direitos; o outro só nele vê deveres. Pretende aquele fazer a inssurreição de cada um contra a sociedade; e êste condena a própria revolução francesa como sendo já essa inssurreição. Comte é o inimigo nato de Stirner. Onde Comte diz branco, Stirner diz preto: e o sr. Alfredo Pimenta a querer conciliá-los, mesmo com o perigo de ficar da côr de burro quando foge!

Mas não nos irrita sómente esta insinceridade que o leva a procurar uma linha evolutiva no que foi uma série de cataclismos espirituais, e uma harmonia de ideas no que é simples e pura contradição, sem ter a máscula lealdade de confessar que mudou, que mudou muito, que mudou dos pés à cabeça, ou que não compreendeu coisa alguma do que era anarquia e do que era república. Não nos irrita apenas êsse «camouflage» da verdade, tão irremediavelmente vã que não consegue desviar a pontaria dum só franco-atirador. Irrita-nos ainda essa outra insinceridade que o sr. Pimenta revelou nos últimos tempos do seu republicanismo, quando, já perdida de todo a fé na república, o jornalista vivia ainda do estipêndio de republicanos. Nos seus últimos artigos da *República* eu via já que era um monárquico quem falava. Era tão inconsciente que o não soubesse? Ou sabendo-o, não o torturava a idea de estar fazendo propaganda monárquica à custa do bolso republicano? As evoluções do espírito compreendo-as, quando feitas no silêncio e à custa do próprio sacrifício. Mas isto de se evoluir à custa dos outros, e de se adormecer num dia republicano militante, para acordar no dia seguinte monárquico não menos militante, é o que ultrapassa em larga medida as minhas possibilidades de concepção.

Se, pondo de parte a sua personalidade política, ajuizássemos agora da literária, veríamos nele um exemplo duma tão faceta e abracadabrante megalomania como certamente ainda não houve igual. Poeta do tédio, como diz (do tédio dos leitores) e prosador de relativos méritos, atribui à sua Arte (a sua «Arte estranha e complicada») qualidades prodigiosas. No fundo, êle não nasceu para ser o Alfredo Pimenta do *Correio da Manhã* (cómico destino dos grandes homens!), mas

pra ter Castelos e Palácios
Com cem léguas de parques em redor...
pra ser servido em câmaras discretas
Por lacaios fieis...

Sendo senhor do mundo, e com direito a sê-lo,
Com o direito audaz que eu mesmo me suponho,
Nasci pra ser senhor, na terra, no ar, no mar,
E sentir aos meus pés as gentes humilhadas.
Nasci para dispôr das máximas riquezas,
— Não por elas em si, tão fúteis e banais!
Mas por amor da Pompa e das grandezas,
E por amor de mim — que é muito mais!...
Nasci para ser Nero, e olímpico e vaidoso,
Fazer incendiar o mundo, friamente...
Nasci pra ser o Unico! (1)

Sim, verdadeiramente único... E pensa assim o sr. Pimenta realizar verdadeiros «furacões de beleza». E vejam ainda os senhores a fôrça e a coerência dêste católico praticante cujos sentimentos de humildade se cifram todos no desejo de ser o Senhor do Mundo, e, cuja caridade e piedade cristãs se reduzem à tentação ulta-nerónica e arqui-egotista de ver o mundo transformado num torresmo, para sôbre o incêndio de todas as coisas ficar êle só, o único, o verdadeiro Deus, na contemplação fervorosa do seu umbigo imortal! «No fim das idades as coisas todas perecerão e reentrarão em Pimenta, como no Ser único dos bramanes...» *(Bhagavad-Gita*, I, 69).

A verdade é que tudo no sr. Alfredo Pimenta está em permanente conflito: o passado com o presente; o que escreve numa linha com o que diz na outra; o que faz com o que prega; a sua estética e a sua moral com a sua religião; as suas pretensões com as suas faculdades; os seus gôstos com a sua natureza; o seu físico com as suas luvas brancas; e até, porque as já vi pretas, as suas luvas brancas consigo mesmas. O sr. Alfredo Pimenta é uma mentira, uma desarmonia realizada. E é isto, não a sua evolução, que êle pretende ter sido serena e harmoniosa, que profundamente me irrita e me consterna. Julgará porventura S. Ex.ª que estas considerações não são dignas dos termos da sua carta. Mas eu não tenho só deveres para o sr. Alfredo Pimenta: acima de tudo tenho deveres para os que me lêem, sobretudo para os novos que me lêem, e deveres para com a verdade. No dia em que nas minhas críticas tratasse os outros segundo a maneira por que os outros me tratam a mim, julgaria que estava traíndo a confiança dos leitores e faltando ao respeito que devo a mim próprio. A verdadeira correcção é assim que eu a entendo. Pudesse o sr. Pimenta, no decurso das suas evoluções e das suas encarnações futuras, passar a ser um amante verídico da lealdade de consciência e da sinceridade, para que nos fôsse lícito chamar-lhe nosso amigo e irmão!

R. P.

Tendo dado conhecimento ao sr. David Ferreira do artigo do sr. Alfredo Pimenta, enviou-nos aquele senhor a carta que segue:

Ex.mos Snrs. Directores da SEARA NOVA

Li com toda a atenção o *artigo* que o Senhor Alfredo Pimenta dirigiu a V. Ex.as e que intitulou: CARTA AO SENHOR DAVID FERREIRA, como muito bem poderia ter intitulado de EXPLICAÇÃO DIFÍCIL DO ACROBATISMO POLÍTICO.

Não devo resposta ao Senhor Alfredo Pimenta, pelos dois motivos que seguem:

1.º — Porque S. Ex.ª não se dirigiu à minha apagadíssima npessoa, conquanto tivesse encimado o seu artigo do me nome, visto que foi a V. Ex.as que êle remeteu a *carta* que a mim se destinava, acompanhando-a dum pedido de publicidade.

2.º — Porque nada tenho a responder-lhe, uma vez que o seu artigo em nada veio alterar a minha opinião sôbre a atitude actual de S. Ex.ª, que é a de *andar a desdizer verdades que em tempos disse.*

Teria, é certo, um grande número de observações a fazer sôbre muitas passagens do artigo de S. Ex.ª, mas não as faço, porque o seu escrito, pela ância de justificação que revela, parece-me mais dirigir-se-á ao Ilustre Corpo Directivo da SEARA NOVA que ao meu desconhecido nome.

Por mais que quisesse, não consegui descobrir a razão que levou S. Ex.ª a escrever-*me*. Pensou S. Ex.ª em converter-me? Em caso afirmativo, vejo bem que S. Ex.ª desconhece a minha mocidade, nivelando-me com essa chusma de mocinhos que por aí estadeia o seu horror às atitudes claramente definidas. Quís S. Ex.ª demonstrar-me que essa coisa de andar de lustro em lustro a mudar de convicções é uma característica da tal originalidade muito bem aceite pelos excêntricos e melhor recebida pelos basbaques do cabotinismo? Baldado esfôrço... Já o sabia, porque bem os conheço. Ou, acaso, tentou S. Ex.ª convencer-me de que nas suas metamorfoses políticas apenas a forma é que mudou e que o fundo permaneceu inalterado? Ah!... A ingrata e vã tentativa!... E pensar eu que S. Ex.ª perdeu algumas horas a encher o seu artigo de sucessivos: «Eu... meu... minha...»! Inegável influência de Stirner...

E' muito provável que S. Ex.ª não deixe de castigar-me com o chicote em que costuma transformar a sua pena, mas eu advirto desde já o Senhor Alfredo Pimenta de que tenho a carne insensibilizada para as débeis vergastadas de chicotes com ponta de assobio... Aquêle assobio em que S. Ex.ª executa maravilhosamente as suas Variações... filosóficas.

Desculpem-me, Snrs. Directores, o ter de obrigá-los a dar aos estimados leitores da SEARA NOVA a pobreza da minha prosa.

Com os meus cumprimentos, continuo,

Vosso humilde cooperador

Março de 1922.

DAVID FERREIRA

* * * * *

«SEARA NOVA»

Aos nossos assinantes e a todas as pessoas que se inscreverem durante o 1.º semestre do ano corrente, como assinantes da Revista, será feito o desconto de 50 % nas edições da *Seara Nova*, publicadas até 30 de Junho de 1922. A partir dessa data, os assinantes da Revista terão direito ao desconto de 20 % sôbre as nossas edições. Cada assinante tem direito apenas a um exemplar de cada obra, com o referido desconto.

A partir dêste número, a Empreza de Publicidade *Seara Nova* incumbe-se de satisfazer, aos seus assinantes, anunciantes e agentes da província, a expedição cuidada e rápida, de livros e qualquer outro género de publicações, nas condições habituais de todas as livrarias.

Só a partir do número 13, passaremos a publicar a Revista com 16 páginas em corpo 8, para darmos aos leitores a mesma quantidade de texto num papel melhor. Poderemos assim valorizar em tudo o aspecto da nossa Revista, e sobretudo na reprodução das gravuras.

(1) Todos êstes trechos são extraídos de *O Livro das simphonias mortíficas*, 1922, cuja análise recomendo aos psiquiatras.